



ORANGE BUCKET

A última corrida de James

Ele queria correr,
mas talvez a
morte lhe
tirasse esse
grande
sonho

Por Christine Langlois



JAMES BIRRELL, 7 anos, estava deitado de pijama no leito hospitalar montado na sala de jogos de sua casa, em Ontário, Canadá, numa noite da primavera de 2001. Ele descrevia animadamente para o novo amigo, o engenheiro aeroespacial James Mewett, como seria seu carrinho de corrida ideal. “Big James” (como o menino logo começou a chamá-lo) desenhava o esboço enquanto o garoto explicava que seu desejo era ter um

carro que seguisse o modelo do famoso TGV, trem francês de alta velocidade. Para servir de material de consulta, o pai, Syd, pegou no quarto do menino, no andar de cima da casa, livros sobre trens. Syd adorava sentir o entusiasmo na voz do filho, que respondia às perguntas de Big James sobre o carro.

- De que cor ele deve ser?
- Laranja.
- Que número deve ter na lateral?
- Sete.

Durante a conversa, James mantinha-se o mais imóvel possível para não provocar o enjôo que vinha sentindo desde as últimas sessões de quimioterapia. Mas, quando o irmão mais novo, Ben, e a irmã mais velha, Rebecca, chegaram correndo e acidentalmente esbarraram na cama, ele precisou usar o balde de plástico verde-claro - rotulado, com caneta hidrográfica preta, BALDE PARA OS ENJÔOS DE JAMES -, entre uma e outra sugestão sobre o desenho do carro.

Quatro anos antes, James tinha recebido o diagnóstico de neuroblastoma, um raro câncer pediátrico do sistema nervoso. Havia pouco tempo, a doença – em geral detectada como um grande tumor no abdome – espalhar-se por seu corpo, após uma promissora remissão que durara um ano e meio. Os médicos tinham dito ao pai e à mãe, Pam, que não havia esperanças se houvesse recidiva. O tratamento poderia retardar o progresso da doença e aliviar a dor, mas o filho deles morreria a qualquer momento.

Algumas semanas antes da visita de Big James, o estado do garoto havia piorado rapidamente, deixando-o à beira da morte no Hospital para Crianças Doentes, em Toronto. Os pais tinham se visto obrigados a tomar uma decisão entre interromper o tratamento ou prosseguir com um último medicamento experimental, que talvez lhe rendesse mais algumas semanas. Assim como já haviam feito diversas vezes, perguntaram a James se ele queria tentar o novo remédio. “Quero”, respondeu ele. “Sempre que eu precisar fazer uma escolha, vai ser continuar lutando contra o câncer.”

ENTRE IGUAIS

Recuperando-se no Centro de Saúde de Peterborough, James logo se sentia bem o bastante para se sentar e conversar com a funcionária Carole Mewett, mulher de Big James, sobre um de seus assuntos favoritos: o *soapbox derby* – corrida anual em que as crianças pilotam carrinhos de rolimã –, que aconteceria em setembro. Desde que tinha 3 anos, ele assistia à competição nos ombros de Syd. E sempre dissera aos pais: “Quando eu for maior, vou participar dessa corrida.” Agora, explicava ele, embora tivesse quase a idade suficiente, não tinha um carrinho para competir.

O que James não sabia era que os Mewetts levavam a sério o *soapbox derby*. Big James havia criado carrinhos vencedores para os filhos com material descartado por sua empresa de engenharia aeroespacial, a AirTech.

E não era só isso que os Birrells e os Mewetts tinham em comum. Carole havia visto os elaborados projetos de modelismo e a ponte feita com centenas de palitos de picolé aos quais Syd e o filho tinham se dedicado durante as longas estadas hospitalares do menino. Ocorreu-lhe que seu marido – um “engenheiro *nerd*”, como ela o chamava, que adorava tudo o que era mecânico – e os Birrells poderiam gostar de se conhecer. Primeiro ela perguntou a Syd se ele estaria interessado. Então, apesar de não ter nenhuma expectativa de que James participaria da corrida, pediu ao marido

O casal agarrara qualquer chance de criar boas lembranças para a família.

que ajudasse o garoto a construir o carro. Ele concordou, e dali a poucas noites estava se dedicando ao projeto.

Depois que Big James saiu, e os três filhos dormiram, Syd e Pam conversaram sobre o carrinho e a oferta de ajuda do novo amigo. Durante todo o suplício da doença, o casal agarrara qualquer chance de criar boas lembranças para a família, arrancando alguma alegria mesmo dos piores momentos. Cada viagem a Toronto para o tratamento do câncer era uma oportunidade de aventura. Às vezes, eles iam de trem porque Syd e James eram loucos por trens. Certa ocasião, quando viajavam de carro, pararam numa fábrica de guindastes que haviam visto na Estrada 401 e acabaram tendo a oportunidade de dar uma volta num daqueles gigantes.

Mas agora a morte do filho era iminente. James sabia que estava prestes a partir, e eles falavam sobre isso. Faltavam quatro meses para o dia da corrida. E se ele não vivesse até lá? “Não queremos lhe dar falsas esperanças”, dizia Pam. Mas construir o carrinho era um objetivo de vida para o menino. Por menor que fosse o êxito, o projeto seria uma excelente distração, tanto para o pai quanto para o filho. Syd e Pam se sentiam gratos pelo fato de um desconhecido estar disposto a abrir o coração e se aproximar do filho deles, sabendo que a amizade acabaria em breve.

Duas noites depois, Big James concluiu o esboço, e Syd o pendurou na parede da sala de jogos, onde James podia vê-lo da cama. Logo Big James voltava com papelão e canetas hidrográficas. Abriu o papelão no chão, ao lado da cama do menino, e desenhou, em tamanho real, as linhas do molde do carrinho. Com calma, James recortou as diversas partes. Quando ficou cansado, entregou a tesoura a Big James.

Durante o trabalho, os dois conversavam sobre o *design*, a disposição das rodas, o funcionamento do mecanismo de direção. Quando o desenho estava completo, Big James pediu a aprovação “oficial” do menino para iniciar a montagem.

UM DIA IMPORTANTE

Big James disponibilizou uma área do hangar de sua empresa para servir como local de montagem e sugeriu a Syd que agendasse visitas regulares. Mas logo ficou evidente que toda visita precisaria seguir a agenda biológica de James: nunca se sabia quando ele estaria fraco demais para sair da cama. Assim, Big James decretou que nada no seu dia era tão importante quanto a visita de 30 minutos de James e seu pai. “Podemos recebê-los a qualquer hora”, garantiu a Syd.

Todas as manhãs, os pais de James aguardavam ansiosamente que o filho despertasse, para saber o que o dia lhes reservava. Ambos autônomos – Syd era organista de igreja, e Pam, cantora e professora de canto –, montavam seus horários de acordo com as necessidades do filho. Nos dias ruins, quando a dor de James era intensa, cuidavam dele, revezando-se na leitura em voz alta de *O senhor dos anéis*, livro preferido do menino; à espera da enfermeira; ouvindo o médico falar pelo telefone sobre os medicamentos. Às vezes, precisavam levar o filho ao hospital para controlar a dor.

Mas, nos dias bons, quando o remédio funcionava e James não se sentia indisposto demais, ele se levantava e dizia ao pai: “Vou tomar o café-da-manhã e depois quero ajudar na construção do carro!” Nessas manhãs, Syd telefonava para informar que estava a caminho, e acomodava James na caminhonete Subaru, junto da cadeira de rodas – e o balde, por via das dúvidas. E, quando os dois chegavam lá, Big James ou seu encarregado, Alan Chandler, paravam o que estavam fazendo e se punham a trabalhar com o garoto.

Entre uma visita e outra, os homens discutiam como preparar o passo seguinte de modo que James pudesse ele próprio realizar o máximo possível do trabalho. “Só vamos mexer no carro quando você estiver aqui”, prometeu-lhe Big James.

James conseguiu visitar o hangar na maioria dos dias de junho, embora às vezes só pudesse observar da cadeira de rodas o movimento. Em outros dias, punha máscaras e óculos protetores e segurava a serra com Alan, cortando madeira para o freio.

Um dia, estava se sentindo particularmente bem-disposto, e ele e o irmão mais novo, Ben, vestiram camisas velhas para dar a primeira demão de tinta na estrutura de madeira. Usando o inconfundível boné que servia para cobrir sua calvície, James passava o pincel enquanto Ben ajudava com o rolo.



(No alto) James constrói seu carrinho de rolimã com a ajuda de Alan Chandler; (embaixo, à esquerda) James e o irmão, Ben, pintam o carro; (à direita) James, o pai, Syd, e uma funcionária da AirTech admiram a estrutura do carro.

Mesmo quando vinha de cadeira de rodas, às vezes ficava tão revigorado pelo projeto que, na hora de ir embora, saía andando. Certa vez, Ben decidiu dar uma volta no carrinho da filha de Big James. Depois de ver o irmão descer duas vezes a rampa que havia perto do hangar, James decidiu que também queria pôr o capacete e entrar no carro.

Com o passar das semanas, Syd, por intermédio de *e-mails* que escrevia tarde da noite, mantinha amigos e parentes informados sobre o progresso do carrinho e o estado de saúde de James. No dia 4 de julho, quando James instalou as rodas do carro, Syd escreveu:

“Hoje foi um dia importante no desenvolvimento do veículo. Um amigo de James, Cameron, ajudou-nos a instalar as rodas, sob a orientação de Alan. Agora o projeto deixou de ser um pedaço de madeira trabalhada para se transformar em algo com rodas. Os meninos experimentaram o carrinho. Ele ainda não tem freio nem direção, mas que delícia com aquelas rodas de alta tecnologia e um belo rolamento, quase sem nenhuma resistência na rotação! Há momentos em que o projeto me parece terrivelmente despropositado, com James mal conseguindo usar uma chave de fenda, afundado na cadeira de rodas; mas também há dias como hoje, quando ele me diz que não precisa de ajuda e põe mãos à obra. O segundo domingo de setembro não é tão inatingível quanto parecia na semana passada, quando James sentiu muita dor.”

TREINANDO PARA A CORRIDA

Com o dia da corrida se aproximando, e o carrinho quase pronto, Syd e Big James tinham de enfrentar o fato de que James não iria se satisfazer apenas em construir o carro: ele queria pilotá-lo. Até aquele momento, descer uma ladeira íngreme com o carrinho havia sido para os adultos apenas uma remota possibilidade. Uma assustadora possibilidade. Mas agora, faltando apenas dez dias para o grande evento, era hora de deixar James testar seu “Foguete Laranja”.

Syd e Big James encontraram uma ladeira adequada numa área afastada da cidade: recém-pavimentada, com pouco trânsito, apenas um longo declive. As canaletas em ambos os lados da rua eram a grande preocupação: James nunca descera uma ladeira de carrinho. Será que conseguiria se manter na direção certa?

Durante o trajeto até a Colina Whittington, com o carrinho na traseira da caminhonete, James se mostrava tranquilo e ao mesmo tempo animado, explicando como pretendia descer a ladeira. Mas Syd sentia o pânico tomar conta do seu corpo.

Onde estava com a cabeça para deixar o filho fazer aquilo? James estava frágil demais. Vinha tomando analgésicos fortes. Que pai deixaria o filho de

"Não vamos mexer no carro quando você não estiver aqui", disse-lhe Big James.

7 anos, com o organismo debilitado pela quimioterapia, nos estágios finais do câncer, descer uma rua a 30 ou 40 km/h numa engenhoca de madeira com um lastro de 45 kg de chumbo e rodas tiradas de um *snowmobile*? No alto da ladeira, com Big James desviando o trânsito lá embaixo, Syd ajudou o filho a entrar no carro e lhe perguntou:

- Está pronto?
- Estou - respondeu James, com um sorriso largo.

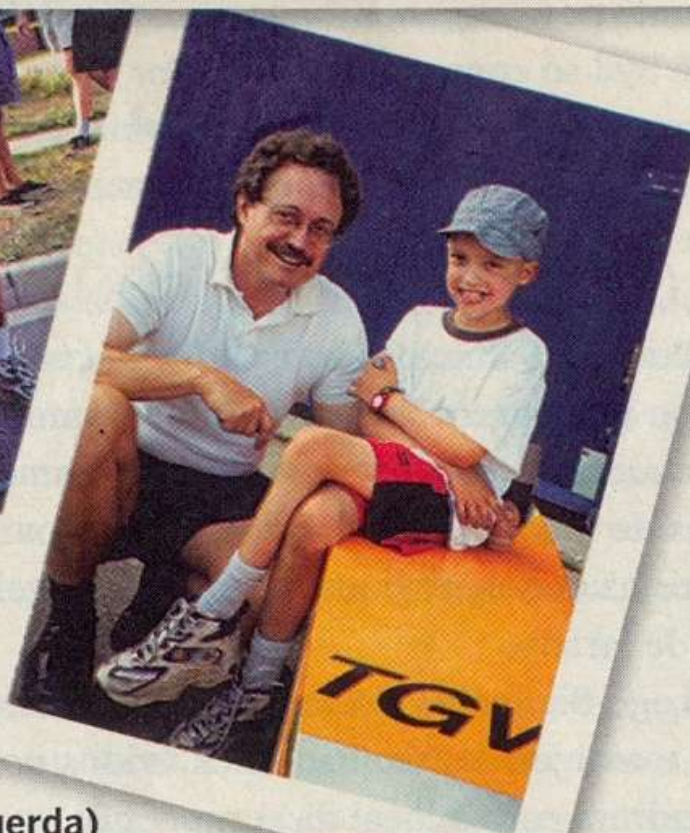
Syd lhe deu algumas instruções de última hora sobre a pilotagem. Mas ainda assim segurava a traseira do carrinho no desespero da indecisão. Então um pensamento inusitado lhe cruzou a mente. Seu filho morreria em breve. Seria assim tão terrível que morresse agora, fazendo algo que queria tanto? Syd soltou a mão da estrutura de madeira.

James avançou ladeira abaixo, enquanto o pai subia na caminhonete para acompanhá-lo. O menino seguia na direção de Big James, habilidosamente evitando a canaleta. Em menos de um minuto, parou o carrinho junto de Big James, ao mesmo tempo que o pai chegava com a caminhonete. Solto o volante e, sorrindo, fez com o polegar o sinal de que tudo saía bem.

Syd enviou um *e-mail* naquela noite: "É evidente que nem a quimioterapia, nem os narcóticos, nem o tumor cerebral, nada está comprometendo a capacidade de James, porque ele pilotou perfeitamente e parou o carrinho com maestria ao lado de Big James, no pé da ladeira. Com mais três descidas, cada qual um pouco mais veloz, atingimos 35 km/h. Estamos animados com a corrida. Três meses atrás, eu não teria imaginado que esse momento seria possível."

James havia mostrado que era um piloto cauteloso e competente. E agora só queria chegar ao dia da corrida. Mas a grande questão permanecia: ele estaria suficientemente bem?

Embora James falasse com entusiasmo sobre a corrida, todos sabiam que a doença implacável poderia, a qualquer momento, atingi-lo, provo-



(No alto) James no seu carro durante a corrida; (embaixo, à esquerda) Big James dá as últimas instruções; (à direita) James com o pai, Syd, no dia da corrida.

cando dores terríveis. Ela já havia feito isso muitas vezes, jogando o menino no redemoinho de uma grave crise. Mas era claro que James esperava correr. Conseguiu comparecer duas vezes à escola, e numa redação escreveu: “Daqui a três dias, vou participar da corrida!”

Quando James contava à mãe como pretendia pilotar, ela sempre tinha o cuidado de lembrá-lo: “Veremos como você vai estar se sentindo no dia.”

Mesmo com o término da construção do carrinho e tendo preenchido o formulário de inscrição do filho para a corrida, Pam nunca prometeu que

ele correria. Como fizera durante toda a doença, estava decidida a jamais mentir para o menino.

Mas, à medida que os dias se passavam, ela ficava cada vez mais preocupada. *O que vou dizer ao meu filho se ele não puder correr? Onde vou arranjar forças?*

Na noite anterior à corrida, Syd e James encontraram Big James no hangar para uma revisão final do carro. Big James e James limparam toda a parte da direção com uma fórmula secreta que o engenheiro havia usado nos carrinhos dos próprios filhos. Fizeram uma última avaliação do freio. Estava funcionando bem. Pela centésima vez, Big James pensou no talento para engenharia de seu amiguinho.

E Syd só conseguia pensar: *Por favor, Senhor, fazei com que James esteja bem amanhã.* Terminada a vistoria, levaram o carrinho para o Subaru e combinaram de se encontrar na manhã seguinte, na casa dos Birrells.

O LANÇAMENTO DO FOGUETE LARANJA

Por fim, 8 de setembro. O dia da corrida amanheceu quente e ensolarado, e James acordou se sentindo bem-disposto, alegre, sem reclamar de nenhuma dor. A enfermeira fez o exame de sangue e anunciou que os níveis de plaquetas estavam satisfatórios. Pam preparou os analgésicos na cozinha enquanto James comia uma tigela de cereais acompanhada de suco de laranja.

Logo Big James e Alan chegavam à casa dos Birrells, seguidos de parentes e amigos da família, todos ávidos por participar do grande dia. Então seguiram para o local da competição.

Não parava de chegar gente para assistir à corrida. Uma equipe de filmagem que gravava o evento entrevistou James e lhe perguntou no que ele pensaria quando estivesse descendo a ladeira. “Estou sempre pensando na diversão. Porque com certeza é divertido!”, respondeu ele.

O *soapbox derby* consiste numa série de provas eliminatórias: dois corredores são posicionados no alto de uma rampa íngreme, ali mantidos por calços dispostos na frente das rodas dianteiras. Ao sinal combinado, alguém puxa uma alavanca grande debaixo da rampa para soltar as rodas, e os dois participantes deslizam em direção à estrada, e depois descem a ladeira até a linha de chegada, a uns 800 m de distância. O piloto que vence a prova corre novamente. O perdedor é eliminado da disputa pelos troféus.

Seria tão terrível que seu filho morresse tentando fazer algo que realmente adorava?

Quando foi a vez de James, ele não revelava nem sombra de nervosismo. Agitados, Syd e Big James viram o menino entrar no carrinho e olhar para baixo. Ao chamarem seu nome, ele levantou a mão direita para indicar ao árbitro que estava pronto. O calço da rampa foi retirado, e os competidores largaram.

James conduziu o Foguete Laranja ladeira abaixo, ultrapassando o veículo da pista esquerda no momento exato de cruzar a linha de chegada uma fração de segundo à frente. “O vencedor é James Birrell”, informou o locutor. Extasiado, James levantou os dois braços. “Eu consegui!”, gritou.

Pam ajudou James a entrar num reboque vermelho que havia levado e conduziu-o de volta ao alto da ladeira, para poupar sua energia. Os adultos conversavam e logo se deram conta de que estavam todos sentindo a mesma coisa: medo. “Eu só quero que isso acabe”, comentou Syd com Pam. Rebecca concordava. “Não agüento ver o James fazendo isso”, lamuriou-se para a mãe.

Mas James estava se divertindo a valer. Ganhou a segunda prova, depois a terceira, em seguida a quarta. Aos poucos, eliminava os participantes, de modo que, na oitava prova, era um dos poucos corredores restantes. E, com a marca de 51 km/h – medidos no radar de um policial que se encontrava ali de folga –, James tinha o melhor tempo até então. Agora havia a grande chance de ficar entre os três vencedores do dia.

OBJETIVO DE VIDA

A oitava prova começou como a sétima, com James na liderança. Mas uma ligeira saliência da baliza que demarcava uma rachadura na estrada fez com que ele perdesse o controle. Boquiabertos, todos viram o Foguete Laranja avançar para a outra pista pouco antes da linha de chegada. Então, por um triz, não atingindo o carro adversário e o árbitro, James fez um giro de 180 graus e bateu de traseira no meio-fio.

Os adultos vieram correndo. James foi retirado do carrinho e declarado ileso. Mas a traseira do Foguete Laranja estava amassada, e James foi desqualificado. Sua corrida chegara ao fim. Ele conservou o recorde de melhor tempo, mas ficou em quarto lugar. Não haveria nenhum troféu.

Inesperadamente, a derrota foi um golpe duro para Syd. Por que seu filho não podia ter ganhado? Por que a família não podia ter o final feliz dos contos de fada? O menino não teria outra chance.

Mas logo ele caiu em si. James havia conseguido algo que ninguém imaginava possível quatro meses antes: vivera para alcançar aquele dia. E realizara um objetivo de vida: participara da corrida. Esse era um dos dias mais felizes da existência de James. E, se estava decepcionado, disfarçou bem, como aprendera a fazer ao longo de seu martírio.

- Fui eliminado? - perguntou à mãe, de modo casual.

- Foi - respondeu Pam.

Mas o filho não derramou uma lágrima. Quando Syd e Big James chegaram ao local, James deu um abraço forte em cada um deles, capacete puxado para trás, olhos castanhos brilhando.

No dia seguinte à corrida, sua dor voltou. Embora tenha aproveitado mais alguns dias bem-disposto, James nunca recobrou a força que tinha antes da corrida. Mas, da cama, adorava ver o vídeo do “rodopio da batida”.

James morreu em casa, no dia 18 de dezembro de 2001, poucas semanas depois de seu oitavo aniversário. O Foguete Laranja ficou na igreja durante a missa. Em seu discurso, James Mewett disse: “Sempre me lembrarei do dia 8 de setembro de 2001 e de um menininho de 7 anos chamado James Birrell correndo atentamente, alheio ao fato de que era o centro do nosso universo nesse dia. Vou me lembrar da magia daquele dia perfeito.”

quadrinhos

HORRORÓSCOPO

Todo mundo sabe que os horóscopos são volúveis, portanto o de minha colega de trabalho não podia ser diferente. Durante o nosso intervalo, ela pegou o jornal e, como faz todos os dias, foi direto à página das previsões:

- O do meu marido diz: “Coloque um pouco de pimenta na sua vida”
- começou ela. - O meu diz: “Vá para a cama mais cedo.”



CAROL JUDKINS, EUA